

Em recente Viagem para New York, afim de participar de colóquio sobre a Alemanha dos anos 20 e 30, fiquei marcado por dois eventos aparentemente desconexos. (1) Fui às Nações Unidas para recolher o Press Release da Resolução de 5/2 que declara que Israel não é "membro amante da paz" das Nações Unidas. Votaram contra: Australia, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Fiji, Finlândia, França, Alemanha Federal, Islândia, Irlanda, Israel, Italia, Japão, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Portugal, Suécia, Reino Unido e Estados Unidos. (Embora tal lista de países que se recusam a condenar os judeus seja tão aleatória quanto o é a ordem alfabética em português, creio que devemos guardá-la na mente, e que seja apenas para notarmos os que não fazem parte dela.) (2) Assisti a discussão sobre o projeto do Metropolitan Museum de organizar exposição-monstru sobre a "contribuição judaica à cultura dos séculos 19 e 20." Duas oposições ao projeto: (a) Tal contribuição é tão gigantesca, que nenhuma exposição lhe pode fazer justiça, por gigantesca que seja. (b) O gigantismo da contribuição judaica é tamanho que, se tornado evidente por uma exposição, não pode deixar de provocar antisemitismo.

Trata-se, nos dois eventos, de duas formas de exclusão dos judeus da sociedade humana, de pô-los "a parte". Pode parecer, à primeira vista, que tais duas apartheits nada têm a ver uma com a outra. Que Afeganista, Albania, Algeria, Angola etc. não votaram a exclusão por causa da contribuição judaica à cultura, mas por causa do Golan. Mas o dever do intelectual é não contentar-se com aparências, e procurar descobrir "estruturas mais profundas". E não me parece muito difícil apontar tal estrutura no caso. Pelo contrário: o fio que une os dois eventos é penosamente claro.

Os judeus foram mantidos "a parte" da sociedade até o fim do século 18. Por motivos ideológicos, ("iluminismo"), foram parcialmente e lentamente integrados, ("emancipados"). Durante tal processo foram várias vezes trucidados, e em uma de tais vezes um terço deles foi transformado em cinzas. Atualmente constituem eles menos de um terço de um por cento da humanidade. E eis o que fizeram: (a) Derrubaram as bases da filosofia, (de Marx, passando por Husserl, até Popper). (b) As da ciência pura, (Einstein etc.). (c) As da ciência aplicada, (cibernética, informática, técnica genética). (d) As da música, (Schoenberg). (e) As da literatura, (Kafka). (f) As da imaginística, (fotográfica, fílmica, vídeo, TV, hologramas, mas também pintura mais tradicional como Chagall e Modigliani). (g) As da economia, (marxismo, friedmannismo, mas também abertura de novas energias, por Fermi, Oppenheimer, solar e outras). (h) As da antropologia, (Freud, Gestalt). (i) As da análise, (Estruturalismo, neo-positivismo). E, passando por cima de outras ultrages da mesma ordem, acabaram por ocuparem o Golan. Isto não é tolerável: que os judeus inventem os computadores, a bomba atômica, o dodecafonismo, o marxismo, o freudismo, e a relatividade, e, por cima de tudo isto, ocupem o Golan. O Afeganistã não pode tolerá-lo.

Não se trata de querer "explicar" tal explosão de energia, mantida prudentemente em vasos herméticamente fechados durante grande parte da história recente. "Explicações" não faltam. Desde as teológicas, até as de Hannah Arendt. O que importa é constatar o fato. É o que foi feito pela Resolução das Nações Unidas de 5/2/82, Resolução esta desimpedida de considerações "profundas", mas movida de puro ressentimento. Que Deus nos proteja.